

PRÉ-SOCRÁTICOS E A NOÇÃO DE SER: UMA PANORÂMICA

Elnora Gondim ¹
Osvaldino Marra Rodrigues ²

RESUMO

Os filósofos pré-socráticos procuravam a *arché* das coisas, o princípio, a causa das coisas. Esse elemento primordial deveria ser a origem, a fonte do todo e deveria estar preservado de todas as mudanças visíveis aos olhos humanos. Conseqüentemente, esse elemento primordial não pertence à ordem do sensível, mas do inteligível. A esse elemento denominaram *physis*, aquilo do qual e para o qual todas as coisas tendem necessariamente. A *physis* seria o elemento primordial e a gênese de todas as coisas. Por serem inquiridores da *physis*, esses filósofos primordiais foram designados, pela tradição doxográfica, *físicos*. No entanto, a origem das coisas recebe nomes diferentes em cada filósofo primordial; cada filósofo apresenta suas teses sobre o que seja a *physis*. Grosso modo, esses filósofos enfatizavam o inteligível e, conseqüentemente, eles tinham uma concepção do que é, do Ser.

Palavras-chave: Múltiplo e Uno. Ser. Pré-Socráticos.

INTRODUÇÃO

A prioridade do inteligível sobre o sensível é o indício daquilo que, posteriormente, foi denominado *metafísica*. Essa palavra não pertencia ao repertório dos *físicos*, mas, anacronicamente, poder-se-ia afirmar que constitui o núcleo das investigações dos primeiros filósofos. Sequer ocorre nos livros de Aristóteles que ficaram conhecidos sob o nome *Metafísica*.

De acordo com Hans Reiner, o nome *Metafísica* seria meramente contingência e teria surgido pela classificação das obras de Aristóteles, a compilação feita por Andrônico de Rodes no século I a.C.³ Tese esta contestada por Giovanni Reale, pois o termo implicaria também o conteúdo, não apenas a “classificação bibliográfica”.⁴

Assim, a Ontologia, por sua vez, como uma parte da *Metafísica*, é relativa ao Ser, em que este não se pode conceituar, no entanto pode-se assinalá-lo, isto é, guiar a intuição para um local onde está o conceito do Ser.

Parmênides foi considerado o primeiro a tratar da Ontologia, da noção de Ser. Porém, se for considerada a procura do Ser pela busca das características universais das coisas, pelos princípios primeiros, os pré-

¹ Mestrado em Filosofia pela PUCSP. Doutorado em Filosofia pela PUCRS. Professora de Filosofia na UFPI. E-mail: elnoragondim@yahoo.com.br.

² Mestrando em Filosofia pela UFPI. E-mail: dinomarra@terra.com.br.

³ HEINER, Hans. O surgimento e o significado original do nome *Metafísica*. In: ZINGANO, Marco (org.). **Sobre a metafísica de Aristóteles**. São Paulo: Odysseus, 2005, p. 93.

⁴ REALE, Giovanni. **Ensaio introdutório**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 27-36.

socráticos, embora realçando aspectos sobre a *physis*, fizeram algo semelhante. Se assim o for, embora sob controvérsias, os pré-socráticos, ou físicos, foram os primeiros metafísicos de que se tem conhecimento na história da filosofia.

1 OS PRÉ-SOCRÁTICOS

Embora recebam a designação *pré-socrático*, muitos viveram no mesmo período histórico de Sócrates (desde o ano 624 a.C. até o século V a.C.). Por conseguinte, essa designação é, sob o ponto de vista cronológico, artificial. Esses pensadores inauguraram a filosofia como paradigma racional, contribuindo para o primeiro grande evento intelectual do Ocidente: o nascimento da razão grega. Por conseguinte, eles impuseram um novo caminho para o pensar, o *Logos*⁵, rompendo com o tipo anterior de pensamento - o mítico. Isso pode ser constatado pelo fato de que, na busca pela *arché* (elemento primordial de todas as coisas), eles apelam para a noção de causalidade⁶; no entanto, cabe ressaltar: diferentemente do pensamento mítico, esse processo causal não é infinito, porquanto eles estabelecem um princípio primeiro ou um conjunto de princípios que dão origem ao processo racional. No entanto, a observação da interpretação do nascimento da filosofia como a passagem do mito ao *Logos* não é algo que essencialmente caracteriza a filosofia pré-socrática. A pergunta pelo princípio de todas as coisas, pela *arché*, denominada *physis*, é o elemento-chave que caracteriza os filósofos pré-socráticos. *Physis* é um termo grego que deriva do verbo *phyo* (*fúw*), o qual significa “fazer sair”, “nascer”, “crescer”, “engendrar”, “produzir”. A raiz *phy* com o sufixo *sis* gera o substantivo *physis*, que significa “nascimento”, “crescimento”, ou melhor, aquela força por cuja ação as coisas nascem e crescem. A *physis*, por conseguinte, é uma força dinâmica, não é algo definitivo e acabado, mas é um processo em formação, por esse motivo, há a associação da vida com a natureza. Assim, com a concepção de *physis* como *arché* e como algo que tem uma alma, os pré-socráticos tentaram entender

⁵ Discurso racional em que as explicações são justificadas. Para os pré-socráticos, a natureza tem uma racionalidade, sendo que esta é captada pela razão humana.

⁶ Causalidade: conexão de causa e efeito entre fenômenos naturais.

a racionalidade do homem e do *cosmo*⁷. Logo, nesse processo de abstração, eles buscaram respostas universais e princípios primeiros para as questões.

Dentre os pré-socráticos, ressaltam-se alguns: Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes e Heráclito; Escola jônica⁸. Pitágoras, Parmênides e Zenão: Escola italiana; visão de mundo mais abstrata, monistas.⁹ Empédocles; segunda fase do pensamento pré-socrático; pluralista.¹⁰

1.1 TALES DE MILETO

Tales de Mileto é o primeiro filósofo de que se tem conhecimento na história do saber. Ele iniciou a filosofia da *physis*, afirmando que a causa de todas as coisas que existiam era a água. Nesse sentido, é considerado naturalista. Para ele, tudo vem da água; tudo sustenta a sua vida nela e, por causa dela, tudo se acaba. Para tanto, ele baseia as suas afirmações em puro raciocínio; no *Logos*. A água de Tales é a *physis* líquida de onde tudo se origina; nela predomina a razão. A *arché* de Tales não é a água tal qual se concebe no mundo físico; é princípio originário.

1.2 ANAXIMANDRO

Anaximandro afirmava ser a água algo derivado, sendo assim, ela não poderia ser o princípio, pois a *arché* é o infinito, uma *physis* indefinida através da qual todas as coisas existem. Sendo assim, o princípio para ele era o *apeiron*; aquilo que não tem limites. Esse é quantitativa e qualitativamente indeterminado. Ele é imortal, indestrutível; sustenta e governa tudo. No entanto, ele não é diferente do mundo, porquanto é a sua essência quanto à gênese do cosmo; ele afirma que isso ocorre de um movimento eterno que gera os dois primeiros contrários: o frio e o calor. O frio, sendo de natureza líquida, é transformado em fogo-calor, que formava a esfera periférica no ar; a esfera do fogo dividiu-se na esfera do sol, da lua e dos astros; o elemento

⁷ Cosmo: ligado à ideia de ordem; é o mundo natural hierarquizado pela razão, do qual seus princípios e suas leis organizam e regem a sua realidade.

⁸ Interesse pela *physis*; teorias da natureza.

⁹ Monismo: corrente que acredita em uma só substância formadora das coisas.

¹⁰ Pluralista: corrente que acredita em mais de uma substância formadora das coisas.

líquido ficou nas cavidades da terra, formando os mares.

1.3 ANAXÍMENES

Para Anaxímenes de Mileto (582 a.C.- 524 a.C.), a *arché*, isto é, o princípio criador de todas as coisas é o ar, que, em ciclos infinitamente repetidos, origina todos os seres e suas diferenças qualitativas. Ele é, também, a alma (*feche*), sopro divino similar ao ar que a tudo rodeia.

1.4 HERÁCLITO

Heráclito nasceu em Éfeso, cidade da Jônia. Ele escreveu um livro *Sobre a Natureza*. Manifestou desprezo pelos antigos poetas, contra os filósofos de seu tempo e contra a religião. Heráclito é por muitos considerado um eminente pensador pré-socrático, por formular o problema da unidade permanente do ser diante da pluralidade e mutabilidade das coisas particulares e transitórias. Ele estabeleceu a existência de uma lei universal e fixa (o *Logos*), regedora de todos os acontecimentos particulares e fundamento da harmonia universal, harmonia feita de tensões, “como a do arco e da lira”.

Para Heráclito, o ser é o um, o primeiro; depois é o devir. O ponto-chave e gerador de polêmicas da filosofia heraclitiana é a afirmação de que “O ser não é mais que o não-ser” nem é menos; a essência é mudança. O verdadeiro é apenas como a unidade dos opostos, em que o absoluto é a unidade do ser e do não-ser. Para Heráclito: “Tudo flui (*panta rei*), nada persiste, nem permanece o mesmo” e, por esse motivo, ele compara as coisas com a correnteza de um rio – sendo que não se pode entrar duas vezes na mesma corrente, pois nem o rio é o mesmo, nem a própria pessoa que entrou naquelas águas é a mesma. Heráclito afirma que o verdadeiro é o devir, mas apreendido pelo *Logos*, única coisa que permanece. Para ele, os opostos estão ligados numa unidade; nesta, encontra-se o ser e o não-ser. Dessa forma, o não-ser é ser, porque ele é. Os opostos são características do mesmo, como, por exemplo, o mel é doce e amargo. A negatividade é imanente e, assim, ocorre a unidade do real e do ideal, do objetivo e subjetivo; esse é o processo do devir. Com isso, Heráclito ligou o todo e o não-todo; o todo torna-se parte e a parte o é para se tornar o todo. A parte é algo diferente do todo; mas é, também, o mesmo que o todo é; a substância é o todo e a parte.

Esse é o processo da vida, como ocorre a harmonia do arco e da lira.

Heráclito afirmou que o tempo é o primeiro ser corpóreo, a essência e a primeira forma do puro devir, o puro conceito. Sua característica básica é a unidade do ser e não-ser. Nessa mudança de ser para não-ser, o tempo é visto de maneira objetiva para quem o está vivenciando, embora seja, também, uma abstrata contemplação da mudança. No tempo, estão o ser e o não-ser. O tempo é intuição, porquanto não se pode representá-lo no real.

O fogo é a *arché* - e esse é o modo real do processo heraclitiano, a alma e a substância do processo da natureza. O fogo é o tempo físico e não é permanente. Ele é mudança, transformação em fumaça; evaporação (*anathymíasis*) (fumaça, vapores do sol); e isso era a alma.

1.5 PITÁGORAS

Pitágoras de Samos (580 a.C. - 500 a.C.) fundou, em Critona, uma comunidade que tinha como objetivo a purificação (*katarsis*) da alma das paixões do corpo através de certas práticas que não deveriam ser reveladas a ninguém estranho à comunidade. Pitágoras considerou que a alma era imortal, cuja união com o corpo significava uma prova de que esta deveria sofrer antes de sua definitiva liberação dos ciclos das reencarnações.

Pitágoras foi um pensador envolto em elementos legendários, o que faz ficar difícil distinguir nele e em seus discípulos o histórico do fantástico. Apesar de tudo isso, ele não deixa de ser uma pessoa muito importante no desenvolvimento da história do saber. Ele não deixou escritos; historiadores atribuem três textos trabalhados por ele, que versam sobre a educação, o homem de estado e a natureza.

Dessa maneira, ele é considerado um reformador moral e religioso. Algumas vezes, ele é apresentado como um homem de ciência, outras, como o mentor de doutrinas místicas. Isso tudo se deve ao fato de ele não ter escrito nada e dos *acusmáticos* terem divulgado a sua doutrina. Portanto, dessa maneira, ocorreu uma literatura advinda, em grande parte, de testemunho histórico das doutrinas do próprio Pitágoras. Atualmente, alguns trabalhos são considerados ficções, pseudônimos de origem posterior.

O problema da *arché* é, precisamente, também, o de Pitágoras. Para ele, o número é a *arché* de

todas as coisas. Este é entendido tanto no sentido quantitativo, isto é, matemático, como no sentido qualitativo, ou seja, metafísico.

Nos números, são distintos os pares (ilimitado) e o ímpar (limitado). Eles são entre si opostos e essa oposição se encontra em toda a natureza, explicando, assim, os seus contrastes. Os números, dessa forma, são a razão do devir e da harmonia. Por esse motivo, nas coisas, há um princípio de ordem e harmonia.

Nesse sentido, o mundo é um cosmos, onde há, também, um princípio de desarmonia, a matéria. Aqui cabe salientar que as leis da natureza podem ser ditas em termos matemáticos, dessa forma, é adotado um princípio de inteligibilidade da ordem e da unidade do mundo.

Os números constituem a força geradora da natureza tanto em relação ao devir quanto à harmonia, em que a harmonia das quantidades, tais como limitado-ilimitado, é a fundamental. Os números constitutivos do cosmos e de sua ordem têm um princípio gerador, ou seja, o Um eterno e imutável. Portanto, dessa maneira, há um dualismo caracterizado, por um lado, o Um (princípio) e, de outro, os números e as coisas das quais os próprios são leis intrínsecas. A unidade compõe-se de antíteses, essas sofrendo as suas mutações e aquietando-se.

O cosmos, para Pitágoras, é uno, sem partes, compacto e limitado. Ele é uma esfera vivente dotada de respiração e, ao respirar, algo penetra no seu interior, desagregando sua unidade, com isso, origina-se a pluralidade numérica das coisas, em que cada uma é igual à unidade ou a um número. Nesse sentido, surge o conceito do contrário, pois, ao respirar, o cosmos provoca uma dualidade no conceito de todas as coisas, gerando uma antítese de todos os elementos criados. Porém, há um vínculo que os coordena, isto é, a harmonia e os números são os princípios de todas as coisas. Sendo assim, o infinito e a verdade são a essência das coisas. Através dos números, Pitágoras explica as realidades físicas e as qualidades morais, sendo que os números não são abstrações, e sim coisas concretas.

Para Pitágoras, o mundo conhecido poderia ser explicado a partir da matemática, pois o mais profundo nível da realidade é dessa natureza, sendo que todas as relações poderiam ser reduzidas a relações numéricas.

Em astronomia, Pitágoras contribuiu com três importantes paradigmas: 1° - os planetas, o Sol, a Lua e as estrelas se movem em órbitas perfeitas; 2° - a velocidade dos astros é uniforme; 3° - a terra encontra-se no centro dos corpos celestes.

A alma é prisioneira do corpo. Ela, no cosmos, vai tomando distintos corpos em todas as coisas, sendo que a forma mais alta são os astros: a alma é eterna por ser semelhante aos astros e tem com eles sua verdadeira morada. Ela, por sua vez, pode eleger em que corpo vai encarnar, como, por exemplo, o corpo de um animal, de uma planta, de um homem etc. Por esse motivo, há um parentesco entre todos os seres vivos. Em se tratando do homem, ele é composto de corpo e alma. As almas são partículas apreendidas da *pneuma*¹¹ infinita, elas vagam até se encontrarem nos corpos, nos quais entram por respiração. A alma é um número que move a si mesma. Ela é um princípio motor relacionado com a respiração cósmica, que é, também, um meio de conhecer a harmonia universal, sendo que a música tem um papel fundamental nisso, pois, através dela, as paixões se acalmam e se eleva o espírito a perceber a harmonia em todas as coisas.

Nos discípulos pitagóricos, há a seguinte divisão: 1° - acusmáticos ou ouvintes- são aqueles que poderiam ver o mestre, porém só poderiam escutá-lo. 2° - matemáticos- aqueles que poderiam ver o mestre e questioná-lo.

Não se reconhece nenhum livro de autoria de Pitágoras, porém muitas histórias são atribuídas a ele. Há um grande número de referências a Pitágoras e seus seguidores. Essas têm três elementos principais:

1° - duvidosa reputação do sábio, tal qual mostra o texto seguinte:

Hermipo narra um episódio da vida de Pitágoras. Chegando à Itália, construiu para si um abrigo subterrâneo e pediu à sua mãe que anotasse numa plaqueta, com indicações quanto ao momento de todas as ocorrências, e mandasse as notas para seu esconderijo subterrâneo até seu reaparecimento. Sua mãe seguiu suas instruções. Passado algum tempo, Pitágoras voltou tão magro que parecia um esqueleto. Entretanto, no recinto de assembleia, declarou que estava no Hades e leu

¹¹ *Pneuma*: sopro vital, espírito.

para os presentes tudo que ocorrera durante sua ausência. Os participantes da assembléia, perturbados com suas palavras, choravam e gemiam, acreditando que Pitágoras fosse uma divindade.¹²

2º - ensinamentos sobre a *psique*: dizem que Pitágoras foi o primeiro a revelar que a *psique*, de acordo com o ciclo imposto pelo destino, liga-se ora a um ser vivo, ora a outro. Dessa maneira, Pitágoras foi o primeiro sábio a pensar a *psique*, trazendo-a para o campo da filosofia.

3º - impregnação com o mito de Orfeu: os pitagóricos, disse Aristóxeno, recorriam à medicina para purificar o corpo e a música para purificar a *psique*.

Nesse sentido, música, para Pitágoras, é sinônimo de harmonia e está relacionada ao mito de Orfeu. Este era um poeta, casado com Eurídice. Ele é atacado por um cidadão, mas quem morre é ela. Orfeu, inconformado toca sua lira, a qual tem um poder formidável. Com isso, ele vai ao mundo dos mortos e consegue encontrar os deuses dos mortos, fazendo com que Eurídice o acompanhe. Porém, embora ele tenha conseguido esse feito, isso tem uma restrição: ele não pode olhar para Eurídice. Ao fazer isso, quando volta para a terra, Orfeu não quer saber de nenhuma mulher. As *memphis* não suportam ser descartadas e cortam a cabeça de Orfeu, porém sua boca continua cantando. Desse modo, Pitágoras era impregnado pelo mito de Orfeu no sentido de afirmar que a preocupação com a morte é um cegar para o poder pensar e como também acreditar que há uma negação do olhar para se filosofar.

Nesse sentido, Pitágoras fala em uma vida incluída na morte, sendo que, no momento em que o sopro acaba, acaba tudo. Assim, ele tem uma indignação em relação ao pensamento mítico, criticando os poetas míticos, punindo-os no mundo dos mortos: comenta-se que Pitágoras, descendo ao Hades, viu a *psique* de Hesíodo presa a uma coluna de bronze, gritando, e a de Homero pendente de uma árvore cercada de serpentes, pelo que esses poetas haviam dito dos deuses, e viu punidos, também, aqueles que não queriam se unir às suas mulheres. Assim, Pitágoras é contra o pensamento

mítico dentro de uma linguagem metafórica, mas ele não é contra a poesia, pois esta tem um caráter matemático, ela é calculável. Nesse sentido, está claro que o êxito de Pitágoras não foi o de um simples mago ou ocultista que só chamava a atenção de pessoas inseguras, mas ele poderia ter sido alguém que possuía um poder psíquico não muito comum. Dessa maneira, ele foi comparado com diversos personagens visionários da idade arcaica tardia, tais como Aristeas, Abaris e Epiménides, a quem se acreditava possuidor de um número de fatos espirituais que incluíam profecias, exhibições de poder sobre o mal, aparições misteriosas. Muitas dessas afirmações se devem ao fato de que Pitágoras acreditava que todos os conhecimentos que os gregos possuíam nada mais eram do que fragmentos da grande sabedoria que se encontrava nos templos egípcios.

Com isso, a fim de saber mais acerca dos mistérios da vida e do universo, era necessário que se deslocasse para o Oriente, aos lugares em que esses conhecimentos ainda permaneciam vivos. Assim, escolhendo Esparta como partida, Pitágoras inicia uma grande viagem através das maiores cidades e dos templos do mundo antigo, a qual se prolongou por 40 anos. Nessa viagem, ele encontrou com as maiores personalidades do seu tempo. Em Mileto, encontrou Tales e Anaximandro. Em Saís, encontrou o faraó Âmasis, que, reconhecendo as suas enormes capacidades, permitiu a sua admissão nos templos iniciáticos do Egito, onde, levando uma carta de Polícrates, que o recomendava a Âmasis, aprendeu a língua egípcia e, também, esteve entre os caldeus e os magos. Posteriormente, enquanto visitava Creta, penetrou na caverna do Ida com Epimenides, mas, ainda no Egito, entrara nos santuários e aprendera os ensinamentos secretos da teologia egípcia. Logo, foi no Egito, onde permaneceu em torno de vinte e cinco anos, que o filósofo de Samos extraiu os conhecimentos que fundamentariam seu ensinamento futuro.

Existem ainda indícios de que teria sido discípulo de Zoroastro. Contudo, uma coisa parece evidente: ele estudou com os maiores mestres daquela época.

Vários autores expõem máximas como partes da doutrina de Pitágoras. Não há dúvida de que essas foram transmitidas verbalmente. Aos iniciados, Pitágoras exigia, provavelmente, que

¹² Tradução do Prof. Dr. Donaldo Schüler.

as memorizassem. Portanto, pode-se, em certo sentido, mas não com certeza, ter certo crédito nos escritos atribuídos a Pitágoras. Dentro dos ensinamentos aos seus seguidores, podemos citar as regras da abstinência. Algumas dessas regras parecem precauções rituais prescritas aos iniciados; seus preceitos eram os seguintes: não atíçar o fogo com a faca, não forçar a balança, não sentar sobre a medida de grãos, não comer coração de pássaro, ajudar a depor a carga e não agravá-la, ter sempre as cobertas enroladas juntas, não pôr a imagem de um deus na placa de um anel, não deixar a marca das panelas nas cinzas, não esfregar um vaso com uma tocha, não urinar voltado para o sol, não caminhar por fora das estradas, não apertar mãos com facilidade, não ter andorinhas sob o próprio teto, não criar animais com artelhos aduncos, não urinar nem pisar sobre unhas e cabelos cortados, não voltar na fronteira quando sair da pátria. É plausível afirmar que Pitágoras jamais teve a intenção de ser interpretado na íntegra. Esses dados refletem as preocupações pitagóricas que, possivelmente, dizem que as máximas assim expostas têm, em sua origem, um sentido mais amplo, tal como informa Diógenes Laércio:

[...] com o preceito não atíçar o fogo com uma faca, Pitágoras queria dizer: não se deve provocar a ira ou o orgulho inflado dos poderosos; com não forçar a balança, não atentar contra a equidade e a justiça; com não sentar sobre a medida de grãos, cuidar também do futuro, pois a medida de grãos é ração para um dia; com não comer o coração de pássaro, queria significar não consumir a psique com aflições e penas; com não voltar na fronteira quando sair da pátria, advertia todos os que partem da vida, a não se deixarem deter pelo desejo de viver nem se deixarem atrair pelos prazeres desta vida. Poderíamos explicar também os outros preceitos, mas isto nos levaria muito longe.

Além das regras acima citadas, pode-se constatar que, nas informações que foram repassadas sobre o ensinamento de Pitágoras, há muita coisa que foi divulgada e que não era dele. Um exemplo se pode constatar na seguinte passagem de Xenófanes:

[...] agora passo a outro tema e mostrarei o caminho. [...] Dizem que, ao passar em uma ocasião junto a um cachorro que estava sendo espancado, sentiu compaixão e disse: - Pára, pois a psique que reconheci ouvindo-lhe a voz é a de um amigo.¹³

Porém, nesse texto, não é citado o nome de Pitágoras, sendo que a observação de Xenófanes pode ter sido criada por ele pelo fato de Pitágoras ser um transmigracionista. Por esse motivo, é apenas provável o fato de que Pitágoras acreditava em uma reencarnação, fazendo, assim, surgir amplas interpretações e criações a respeito da sua doutrina.

Pitágoras dividia em duas modalidades os tipos de alunos que ele tinha: alguns de seus seguidores recebiam o título de matemáticos, outros eram conhecidos como ouvintes (acusmáticos). Os matemáticos, depois de assimilarem o discurso do saber, aprofundavam os estudos em busca de rigor. Os acusmáticos contentavam-se com síntese de assuntos tratados, desinteressados de exposições avançadas. Dentro desse contexto, uma das inferências que se pode fazer quanto à questão da divulgação do pensamento pitagórico é a de que ela seria feita por *acusmáticos*, ou seja, ouvintes que não tinham o direito de fazer perguntas ao mestre e que o entendiam na íntegra sem uma preocupação maior com a interpretação daquilo que eles ouviam. Logo, os *acusmáticos* eram pessoas que só ouviam, mas não questionavam, porque isso era atribuído aos matemáticos.

Outro aspecto a merecer atenção: eram muitas pessoas que ouviam as preleções de Pitágoras. Segundo Diógenes Laércio, embora isso possa parecer exagero, não menos de 600 pessoas participavam e escreviam a seus familiares contando o que ouviam. Então, isso já se configura em um dado bastante relevante, para considerar que muitas dessas pessoas poderiam ter se equivocado quanto àquilo que ouviam, como também poderiam ter aumentado, nas cartas a seus familiares, aquilo que presenciaram.

Pitágoras foi um cientista e um filósofo antes de ser um místico. Ele fundou uma escola filosófica e nela eram desenvolvidos temas importantes para

¹³ Texto apresentado pelo prof. Dr. Donald Schüler em sala de aula - PUC/RS.

a humanidade como: 1º- a realidade é matemática da natureza em seus níveis mais profundos; 2º- a filosofia pode ser utilizada para purificação espiritual; 3º- colocação do problema entre unidade e a multiplicidade; 4º- conceito de cosmos; 5º- conceito de *Psique*; 6º- teoria heliocêntrica; 7º- pensamento como iluminação do homem; 8º- música como harmonia para o pensar; 9º- respeito às mulheres; 10º- criador da palavra filósofo.

Em suma, Pitágoras não poderia ser classificado apenas como místico e não como sábio. Acima de tudo, ele foi um filósofo e isso fica evidente quando são mostrados os temas relevantes sobre os quais ele refletiu.

Na sucessão dos filósofos, Sócrates diz que Pitágoras, quando Leon, tirano de Fliús, lhe perguntou quem era ele, respondeu: 'um filósofo'. E comparava a vida ao aglomerado humano nos jogos: uns correm para competir, outros para comercializar, os melhores vêm, entretanto, para observar; assim é na vida, uns se comportam como escravos, são os caçadores de glória e luxo; os filósofos, ao contrário, procuram a verdade. Logo, alguém que procura a verdade como um filósofo não pode ser considerado como um místico em detrimento do sábio, como também alguém que faz apologia às matemáticas como sinônimo de perfeição não deveria ser designado somente místico. Ademais, a sua doutrina do número que concebe este como a *arché*, o princípio de todo o presente e de tudo o que é pensável, do número entendido qualitativa e ontologicamente, dos *tetraktys*, isto é, a série numérica $1 + 2 + 3 + 4$, cuja soma é igual a 10, tomando isso como parâmetro em relação aos princípios dos opostos, incluindo os corpos celestes, do movimento dos planetas e das estrelas, produzindo uma música celestial; isso tudo não pode ser resumido ao nível somente do místico.

1.6 PARMÊNIDES DE ELEIA

Parmênides nasceu na cidade de Eleia, colônia grega fundada pelos foces e situada ao sul da península itálica, provavelmente, entre os anos de 515 – 510 a.C.; o filósofo teria sido médico. Achados arqueológicos em Vélia, nome dado a Eleia no período romano e conservado até hoje, comprovariam a memória a Parmênides no período romano de uma escola de medicina local.

Conforme testemunho de Platão, Sócrates teria conhecido pessoalmente Parmênides: “Na verdade, encontrei-me com o homem quando eu era muito novo e ele muito velho, e pareceu-me que tinha a profundidade de uma grande raça”.¹⁴ Ainda conforme referido testemunho, Sócrates teria afirmado que, provavelmente “não compreendamos as suas palavras e que em muito nos ultrapasse o que pensava”.¹⁵ O mesmo testemunho é encontrado em outro diálogo de Platão, intitulado *Parmênides*: “Sócrates nessa época era bastante jovem”.¹⁶

Conforme testemunhos antigos, Parmênides teria elaborado quatro consideráveis avanços científicos na época: a) a terra é dividida em cinco zonas delimitadas pelos dois trópicos e pelos círculos Ártico e Antártico; b) a terra é esférica; c) a lua recebe sua luz do sol; d) a estrela vespertina e a matutina seriam o mesmo planeta.

Além disso, os sistemas filosóficos e científicos que postulam princípios de conservação (de substância, matéria, matéria-energia) são herdeiros do princípio de dedução postulado por Parmênides, cujo pensamento foi conservado num único poema, “Sobre a Natureza”, ao qual não temos acesso em sua forma integral, mas apenas aos 160 versos conservados por seus comentadores. Originalmente, o poema seria, provavelmente, dividido em duas partes: a primeira trata do Ser e a segunda, da física ou sistema do mundo. Nesse poema filosófico, a ênfase recai sobre os problemas relacionados ao “Ser” e aos princípios do conhecimento verdadeiro. Nele, Parmênides faz uma distinção entre a verdade (*aletheia*) e aparência (*doxa*). A razão, pela primeira vez denominada *Logos*, conduzir-nos-ia à verdade, enquanto os dados obtidos pelos sentidos, à aparência. Essas são as duas vias do Ser; a do não-Ser seria uma terceira, mas é inacessível, dirá a deusa:

Pois nunca à força será mantida a demonstração de que existe o que não é, mas debes afastar o teu pensamento desta via de investigação, e não permitir que o hábito, filho da muita experiência, te obrigue a seguir este caminho, ao fazer com que uses um

¹⁴ Teeteto, 183 e – 184a.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Parmênides, 127 c.

olhar que para nada se dirige ou um ouvido e uma língua cheia de sons e significados: julga com a razão a prova muito contestada, a que me referi.¹⁷

A deusa que dita a Parmênides as palavras de Sabedoria o esclarece:

[...] te direi os únicos caminhos da investigação em que importa pensar. Um, <aquilo> que é e que é impossível não ser, é a via da Persuasão (por ser companheira da verdade); o outro, <aquilo> que não é e que forçoso se torna que não exista, esse te declaro eu que é uma vereda totalmente indiscernível, pois não poderás conhecer o que não é – tal não é possível – nem exprimi-lo por palavras.¹⁸

1.7 ZENÃO DE ELEIA

Discípulo mais conhecido de Parmênides, Zenão também nasceu em Eleia, provavelmente por volta de 489 a.C. De sua vida sabe-se pouquíssimo: que seu pai seria Teleutágoras, que teria passado toda a sua vida na sua cidade natal; teria participado de uma conspiração contra um tirano; ficou conhecido pela coragem com a qual foi submetido a torturas, fruto dessa conspiração; desprezava Atenas e teria escrito um único livro. É conhecido, sobretudo, por seus intrincados argumentos sobre o paradoxo do movimento, melhor: sobre a sua ilusão. É possível relacionar os problemas elaborados por Zenão em defesa das teses de Parmênides:

[...] esses escritos prestam uma assistência ao argumento de Parmênides contra os que tentam caricaturá-lo, <dizendo que>, se o *um é*, resulta para o argumento ser afetado por coisas múltiplas e ridículas, e mesmo contrário e ele próprio. Assim sendo, esse escrito contesta os que dizem <haver> o múltiplo, e lhes devolve na mesma moeda, com juros, ao querer demonstrar que a hipótese deles, de que há múltiplas coisas, seria afetada por coisas ainda mais

ridículas do que <a hipótese> de que *um é*, se elas fossem desenvolvidas suficientemente.¹⁹

Várias referências sobre Zenão se encontram na obra de Platão. Aqui, destacamos uma, quando Sócrates teria afirmado, comparando Zenão ao lendário inventor da aritmética: “Não sabemos que o Palamedes eleático falava com tanta arte que a mesma coisa parecia aos seus ouvidos semelhantes e dessemelhantes, unidade e diversidade, imóvel e em movimento?”²⁰ Também pela doxografia platônica sabe-se, resumidamente, do tema do único tratado que teria sido escrito por Zenão (embora, provavelmente, o encontro com Sócrates nunca tivesse efetivamente ocorrido):

– que queres dizer com isso, Zenão? Que, se os seres são múltiplos, então é necessário que eles sejam tanto semelhantes quanto dessemelhantes, mas que isso é impossível, pois nem as coisas dessemelhantes podem ser semelhantes nem as semelhantes, dessemelhantes? Não é isso que queres dizer? – É isso mesmo, disse Zenão. – Então, se é impossível as coisas dessemelhantes serem semelhantes, é também impossível haver múltiplas coisas, não é? Pois, se houvesse múltiplas coisas, seriam afetadas pelo que é impossível. Será isso que queres dizer teus argumentos: não outra coisa senão sustentar decididamente, contra tudo o que se afirma, que não há múltiplas coisas? E disso mesmo crês ser prova para ti cada um dos argumentos, de sorte que também acreditas apresentar tantas provas de não há múltiplas coisas quantos argumentos escreveste? É isso que queres dizer, ou não estou entendendo direito? – Ao contrário, disse Zenão, compreendeste muito bem o que, no todo, o escrito visa.²¹

Conforme estudiosos, a Parmênides e a Zenão caberia a inspiração do método utilizado por Sócrates, o *elenchus*,²² oriundo da dialética.

¹⁹ In: Platão, Parmênides, 128 c – d.

²⁰ Fedro, 261 d.

²¹ Parmênides, 127 d – 128a.

²² O termo significa, em linhas gerais: questionar o que

¹⁷ KR, § 294.

¹⁸ KR, § 291.

Inicialmente, dialética estava vinculada à política. Sua aplicação visava ao propósito de vencer as disputas públicas e derrotar publicamente o adversário. A dialética atingiu a maturidade com os sofistas, filósofos itinerantes e livres, sobretudo, com a *antiologia*, um recurso discursivo que sustenta simultaneamente teses opostas ensinadas àqueles que procuravam destaque no espaço público e que precisavam, portanto, combater as oposições dos adversários e derrotá-los.

Cabe ressaltar que, para um antigo, a humilhação imposta pela derrota numa disputa pública era um fato insuportável. É possível, sobretudo pelo respeito devotado à memória devida a ambos, que Parmênides e Zenão nunca tenham sido derrotados numa discussão pública, num *ágon*. Giorgio Colli explica que o perfeito dialético se encarna no interrogante: ele coloca as perguntas, dirige a discussão dissimulando armadilhas fatais para o adversário, através de longos rodeios argumentativos, solicitações de anuências sobre questões óbvias e aparentemente inofensivas, que acabarão se revelando essenciais para o desenvolvimento da refutação.²³

Com Zenão, a dialética tornou-se um *organon*, um instrumento da razão, um método do pensamento, uma arte que consiste em confrontações de teses constituídas por intermédio de perguntas e respostas, procurando entre elas contradições que minam os argumentos falaciosos, ou seja, argumentos que não resistam à refutação e, por consequência, sejam comprovadamente não verdadeiros ou inconsistentes. Portanto, a dialética deixou de ser uma técnica meramente política, para se tornar uma teoria geral do *Logos*. Ante os argumentos zenonianos, toda crença e convicção, religiosa ou científica, e toda racionalidade construtiva mostram-se ilusórias e inconsistentes: qualquer objeto, sensível ou abstrato, expresso

em um juízo, pode ser demonstrado contraditório, como ser e não ser, ao mesmo tempo possível e não possível. Esse resultado, a cada etapa obtida por meio de rigorosa argumentação, demonstra a fragilidade e até mesmo a possibilidade de ser pensável o objeto.

Por consequência, em sua dialética, Zenão procurou demonstrar o ilusório do mundo capturado pelos sentidos e impor um novo olhar sobre as coisas que percebemos pelos nossos sentidos, demonstrando que o mundo sensível é mera aparência. Em outras palavras, o movimento percebido pelos sentidos não pode ser compreendido senão pela razão; caso contrário, envolve contradições que levam a conclusões absurdas, resultando em *aporia*, ou seja, dificuldade de raciocínio e de argumentação que desemboca num “beco sem saída”.

Outra dívida da filosofia posterior a Parmênides: este fundamentou as bases do conceito *Ontologia*. Essa palavra foi elaborada por Jacobus Thomasius, filósofo alemão do século XVII, e sistematizada por outro filósofo alemão, Christian Wolff. A palavra é composta: *onto*, derivada do particípio *ón-óntos* – existir - e *logia*, discurso. Nas palavras de Willard van Orman Quine, o conceito de Ontologia poderia receber uma formulação em três monossilábicos, resumidos à pergunta: “O que há?”.²⁴ Em outras palavras, a Ontologia é um discurso conceitual que visa à compreensão do que existe na totalidade, tanto as características do que existe quanto as causas e os princípios da existência do todo.

A Ontologia, conforme célebre formulação de Aristóteles, seria o núcleo duro, o cerne da Filosofia, o problema por excelência:

Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, mas, delimitando uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte.²⁵

o outro afirma com vista a pôr à prova ou examinar a força ou credibilidade do que o outro diz ou afirma. Em Sócrates, o *elenchus* tinha, quase sempre, a intenção de demonstrar as confusões, contradições e outros defeitos nas posições de seus oponentes. Em Sócrates, portanto, o termo veio a significar a refutação de alguma concepção ou tese.

²³ COLLI, Giorgio. *O Nascimento da Filosofia*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 68.

²⁴ RYLE, Gylbert et al. *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 217.

²⁵ *Metafísica*, IV, 1, 1003a.

Com Parmênides e Zenão, o sentido do mundo seria estabelecido como uma ordem de conceitos conforme a razão: “pois o mesmo é pensar e ser”. Tal sentença parmenidiana é o fundamento do primeiro princípio para o conhecimento, pois implica uma lógica da não contradição, o *princípio do terceiro excluído*: o que pode ser pensado não pode, simultaneamente, não ser pensado e, inversamente, o não pensado não pode ser pensado; em outras palavras: não pode ser objeto de pensamento. É na razão que se concebe e se resolve o discernimento sobre as questões do vir-a-ser.

Em Parmênides, se alguma coisa existe e é, não pode nascer ou perecer, transformar-se ou mover-se e nem estar sujeita às imperfeições; essa ideia foi magistralmente resumida a uma célebre formulação escolástica: “ex nihilo nihil fiat” [do nada se faz]. A mudança, ou movimento, ao contrário, é o que não é, porquanto, na mudança, o que é deixa de ser, o que era já não é, deixou de ser e o que será não será o que é atualmente. Na mudança, ou movimento, não há permanência e o vir-a-ser não pode ser adequadamente compreendido pelos sentidos. Pode-se apenas compreender a mudança, se há algo que nela permaneça e nos permita conhecer algo como tal. Para Parmênides, o movimento percebido é, portanto, mera aparência, um aspecto superficial da realidade.

Portanto, para Zenão e Parmênides, assim como para Heráclito, os sentidos não constituem instrumentos adequados para o conhecimento verdadeiro, e a mera opinião não pode ser o critério para a verdade, porquanto estritamente vinculada às percepções individuais. Essa tese foi magistralmente exposta por Platão, no diálogo *Teeteto*: “se a verdade é para cada um que opina através da percepção e ninguém pode julgar a experiência de outro melhor que ele, ninguém será melhor a examinar a opinião de um outro, se é correta ou falsa”.²⁶ Consequentemente, o acesso à verdade deve ser procurado numa instância distinta aos sentidos.

Deve-se ressaltar que Parmênides, conforme Aristóteles, teria sido “forçado a levar em conta os fenômenos” e supôs que “o um é conforme a razão, enquanto o múltiplo é conforme os sentidos”.²⁷ Essa característica implica uma hierarquia necessária

na ordem do conhecimento, na qual a razão tem precedência sobre os sentidos.

A experiência do movimento é, dentre os dados da sensibilidade, um dos fenômenos mais imediatos e universais quanto ao nosso contato com o mundo efetivo. Os argumentos mais conhecidos de Zenão, preservados, mas reformulados por Aristóteles, são aqueles que problematizam o conceito de movimento. Cabe ressaltar que o filósofo de Eleia não negou a percepção que temos do movimento, do múltiplo e da variação. Seu objetivo foi submeter os dados oriundos dos sentidos às exigências lógicas da razão, demonstrando que a experiência do movimento e da multiplicidade, obtidos pelos sentidos, é, aos “olhos da razão”, irracional e absurda. Em outras palavras, os argumentos propostos por Zenão afrontam o senso comum (*doxa*), pois procuram defender a tese da imobilidade do ser do ente. A argumentação contra as teses da pluralidade feita pelo Eleata foi importante porquanto, no seu tempo, surgiram não apenas as concepções de movimento e de infinito (*apeiron*), como a concepção pluralista do real. Zenão vai criticar o pluralismo levando os argumentos deste às últimas consequências e demonstrando logicamente os absurdos contidos nas teses sobre as quais se fundamentava a defesa da multiplicidade e do movimento: “Se a pluralidade existe, as coisas serão igualmente grandes e pequenas; tão grandes que serão infinitas em tamanho, tão pequenas que não terão qualquer tamanho”.²⁸

Nessa passagem, coisas devem ser entendidas como conjuntos de unidades, ou seja, de corpúsculos. Se os corpúsculos não têm dimensão, as coisas, por consequência, deverão ser iguais a zero, isto é, inexistentes – o que constitui um absurdo. Se os corpúsculos, que serão infinitos em cada coisa, têm dimensão, então, nesse caso, cada coisa será infinita. Ora, se existe um conjunto de coisas em que cada uma é infinita, encontramos o absurdo ao contemplar um mundo cheio de infinitos. Ao que parece, esse argumento poderia ser confirmado por outro fragmento considerado pelos estudiosos contemporâneos, inquestionavelmente, autêntico e que chegou a nós intacto: “Se há muitas coisas, são ilimitadas as coisas que existem; pois há sempre outras entre as coisas que existem, e de

²⁶ *Teeteto*, 161 d.

²⁷ *Metafísica*, I, 5, 986 b.

²⁸ *Frg. B 1*.

novo outras no meio delas. E assim as coisas que existem são ilimitadas”.²⁹

Resumindo, parece que os argumentos de Zenão contra a pluralidade se deduzem, sistematicamente, das premissas que afirmam a pluralidade das coisas: (A) se há muitas coisas, essas devem ser grandes e pequenas (pequenas o bastante para não terem tamanhos e tão grandes como para serem infinitas). Quanto a esse ponto, caberia destacar um subargumento, que emprega o princípio de “dicotomia”, ou divisão: tudo aquilo que possui tamanho pode ser dividido em duas coisas, em três, quatro etc., num processo infinito; e a redução ao infinito é logicamente absurda – em outras palavras: a unidade não possui “grandeza”; (B) se existe pluralidade, o total das coisas deve ser, ao mesmo tempo, finito e infinito em *número*: finito porque pluralidade implica um número definido e, portanto, finito; infinito porque duas ou mais coisas requerem limites ou, generalizando, marcas distintas: com isso, iniciamos outro argumento de progressão e regressão ao infinito – também um absurdo lógico; (C) se há muitas coisas, devem ser simultaneamente semelhantes e dessemelhantes. Mas esse é um argumento suscitado por Platão e desenvolvido, sobretudo, no seu diálogo *Parmênides*.

1.8 EMPÉDOCLES

Empédocles foi filósofo, médico e poeta, nasceu em Agrigento. Sua filosofia recebeu influências da teoria pitagórica quando:

1- ele admite uma inteligência divina difundindo uma alma universal no cosmos;

2- concede uma importância considerável à unidade, essa vista como o princípio primeiro das coisas e como algo que contém os quatro elementos materiais delas;

3- crê na importância das formas simbólicas e faz uso de termos mitológicos, tais como: Edoneu (Hades), que significa Terra; Nestis, a água; Hera, o ar e Zeus, o fogo.

Em relação à *physis*, Empédocles pode ser classificado, grosso modo, elementar, porquanto atribui a ela quatro elementos constituidores das coisas: terra, água, ar e fogo. Igualmente a Heráclito, Empédocles concedia a este último elemento um

papel fundamental em relação à constituição das coisas.

A linguagem simbólica e a forma poética que Empédocles utilizou não permitem discernir quais eram as suas reais opiniões; por um lado, ele fala dos quatro elementos, atribuindo-lhes uma pluralidade de substâncias; por outro lado, ele se refere a uma unidade superior que absorve todas as coisas. Porém, conforme as afirmações mais correntes, o filósofo de Agrigento tem como fundo essencial de sua teoria a constatação de que os quatro elementos são substâncias de todas as coisas, inclusive não só dos corpos, mas também dos espíritos, isto é, da alma humana. Empédocles não pode ser considerado um materialista, porquanto a força e a matéria, para ele, são separadas. A força é dividida em dois aspectos: o amor e o ódio. Esses são encarregados da formação e da destruição do mundo, sendo relacionados à repulsão e a atração. Essas forças são independentes da matéria. Dessa forma, quando o amor reina, tudo fica em harmonia, em contrapartida, se for o ódio, tudo se dissipa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, pode-se, panoramicamente, afirmar que, se for considerada a procura do Ser pela busca das características universais das coisas, pelos princípios primeiros, os pré-socráticos, embora realçando aspectos sobre a *physis*, fizeram algo semelhante. Se assim o for, embora sob controvérsias, os pré-socráticos, ou físicos, foram os primeiros metafísicos de que se tem conhecimento na história da filosofia. E Pitágoras, por exemplo, tal como Parmênides, influenciou fundamentalmente as teses sobre o Ser da tradição.

Quando os pré-socráticos chegam à conclusão da existência de uma unidade no mundo, embora a referência seja sobre aspectos relacionados à física, é de se pressupor que eles têm certa noção de universalidade – fato que, em última análise, caracteriza a concepção de Ser na tradição, porquanto, em ampla medida, o que mais é enfatizado em tal ideia é a resolução da questão da multiplicidade e da unidade. Portanto, tomando como parâmetro a solução do problema do múltiplo e do uno relacionado à ideia do Ser, constata-se que os pré-socráticos tinham tal preocupação e, conforme cada concepção de qualquer deles, a unidade era alcançada. Outro argumento para

²⁹ KR, § 315.

demonstrar a noção de Ser presente na filosofia pré-socrática incide no fato de que a *physis* não se pode traduzir conforme elementos materiais, mas, acima de tudo, ela se encontra no âmbito do inteligível. Aspecto diametricamente oposto aos parâmetros da física moderna, levando em consideração, dentre outras coisas, que a noção de *physis* não era algo quantitativo. Nesses termos, pode-se notar isso quando, por exemplo, Tales afirma o que é e o que existe sendo a água; Anaxímenes diz ser o ar; Anaximandro, o indefinido, o *apeiron*; Pitágoras, os números; Empédocles, os quatro elementos. Heráclito, por sua vez, afirma que a *arché* é de natureza ígnea, o fogo, que representa o devir, a transformação. Portanto, não somente Zenão e Parmênides, o descobridor do princípio da identidade, que diz: o Ser é; o Ser é uno, imutável, infinito e imóvel, não é o único responsável pela tentativa de solução para o problema do múltiplo e do uno, caracterizando, dessa forma, que os pré-socráticos também tinham uma visão de unidade e universalidade, fato que, em ampla medida, apontava para a noção de Ser. Nesse sentido, também, os pré-socráticos concedem primazia ao inteligível, que é aquele do pensamento, como é o caso, por exemplo, de Pitágoras, sendo que a matemática, juntamente com suas abstrações, tinha prioridade em sua teoria.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Coleção Os Pensadores, primeira edição.** São Paulo: Editora Abril, 1973.

BLANC, Blanc. **Introdução à Ontologia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BORNHEIM, Gerd. **Os Filósofos Pré-Socráticos.** São Paulo: Cultrix, 1993.

COLLI, Giorgio. **O Nascimento da Filosofia.** 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

HEINER, Hans. O surgimento e o significado original do nome *Metafísica*. In: ZINGANO, Marco (org.). **Sobre a metafísica de Aristóteles.** São Paulo: Odysseus, 2005.

KIRK, G.; Raven, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos.** 4 ed. Lisboa: Fundação

Calouste Gulbenkian, 1994. (no texto citado como KR).

LAÉRCIO, Diógenes. **Filósofos mas Ilustres.** Madrid: Luis Navarro Editor, 1887.

LIMA VAZ, Henrique de. **Raízes da modernidade.** São Paulo: Loyola, 2002.

MACIEL JUNIOR, Auterives. **Pré-socráticos: a invenção da razão.** São Paulo: Odysseus, 2003.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 2002.

PLATÃO. **Diálogos.** São Paulo: Editora Cultrix.

_____. **Obras Completas de Platon: Hippias Maior y Fedro.** México: UNAM, 1945.

REALE, Giovanni. **Ensaio introdutório.** 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: antiguidade e idade média.** São Paulo: Paulus, 1990.

_____. **História da Filosofia: antiguidade e idade média.** São Paulo: Paulus, 1990.

RYLE, Gylbert et al. **Ensaio.** São Paulo: Abril Cultural, 1985.

THESLEFF, H. **The Pythagorean Texts of the Hellenistic Period.** Cabo, 1965.